

Ernesto Rosa
**O JOGO DO
VADIÃO**



O Jogo do Vadião - Ernesto Rosa

Fonte digital
Arquivo enviado pelo Autor
internestorosa@yahoo.com.br

1a. edição em cola e papel
Ed. Alfa-Omega 1987 (esgotada)

Transcrição para eBook
eBooksBrasil

© 2009 Ernesto Rosa

USO NÃO COMERCIAL * VEDADO USO COMERCIAL

O JOGO DO VADIÃO

Ernesto Rosa

ÍNDICE

O rapto.....	5
As ilhas.....	9
Primeiras transas.....	15
O depósito.....	20
O vadião.....	24
O vadião quebra valor.....	32
Todos na Corte.....	40
A civilização.....	44
O jogo do vadião.....	47
Análise Sócio-Econômica.....	50
O Autor.....	57

O RAPTO

Estive preso e não era cadeia; fiz dinheiro que não era dinheiro; vivi em um país que não era país. Vivi fora desse mundo em uma terra de dez habitantes... Foram muitas aventuras e problemas, mas posso dizer que tenho história para contar!

Meu nome é Carlos Tavares, mas me tratam por Cacá. Minha vida foi sempre muito sossegada até a terrível noite do assalto, quando tudo mudou...

Vivi com meu pai, aprendi a profissão de lavrador e, uma vez, fiz com ele uma viagem – minha primeira viagem assim mais longe. Meu pai tinha que acertar uma papelada em Capão das Cruzes e, no segundo dia, à noite, escolhemos um lugar mais limpo, debaixo de uma grande gameleira, para o pernoite. Amarramos os cavalos já desarreados e, enquanto esquentávamos a comida numa fogueira, eles chegaram.

Eram quatro, armados. Meu pai reagiu e foi baleado. Fui levado por eles para não sei onde; não pude acudir meu pai e nem sei se morreu!

Andamos muito por umas quebradas desconhecidas. Depois pegamos um barco, navegamos dois dias num rio largo de águas mansas e chegamos. Não tive descanso. Direto para o batente na roça, de sol a sol – época de colheita.

Era muita gente no trabalho forçado: meninos, meninas, homens e mulheres. Trabalho pesado... Sempre tinha muita coisa a fazer, mesmo depois da colheita.

A fazenda era um imenso desmatamento. Somente na beirada do rio, havia mata. Depois eram plantações e mais plantações. Quem passasse de barco nada perceberia.

A vigilância era severa e feita por jagunços bem armados

e mal-encarados. De vez em quando, sumia um dos nossos, geralmente quando escutávamos tiros.

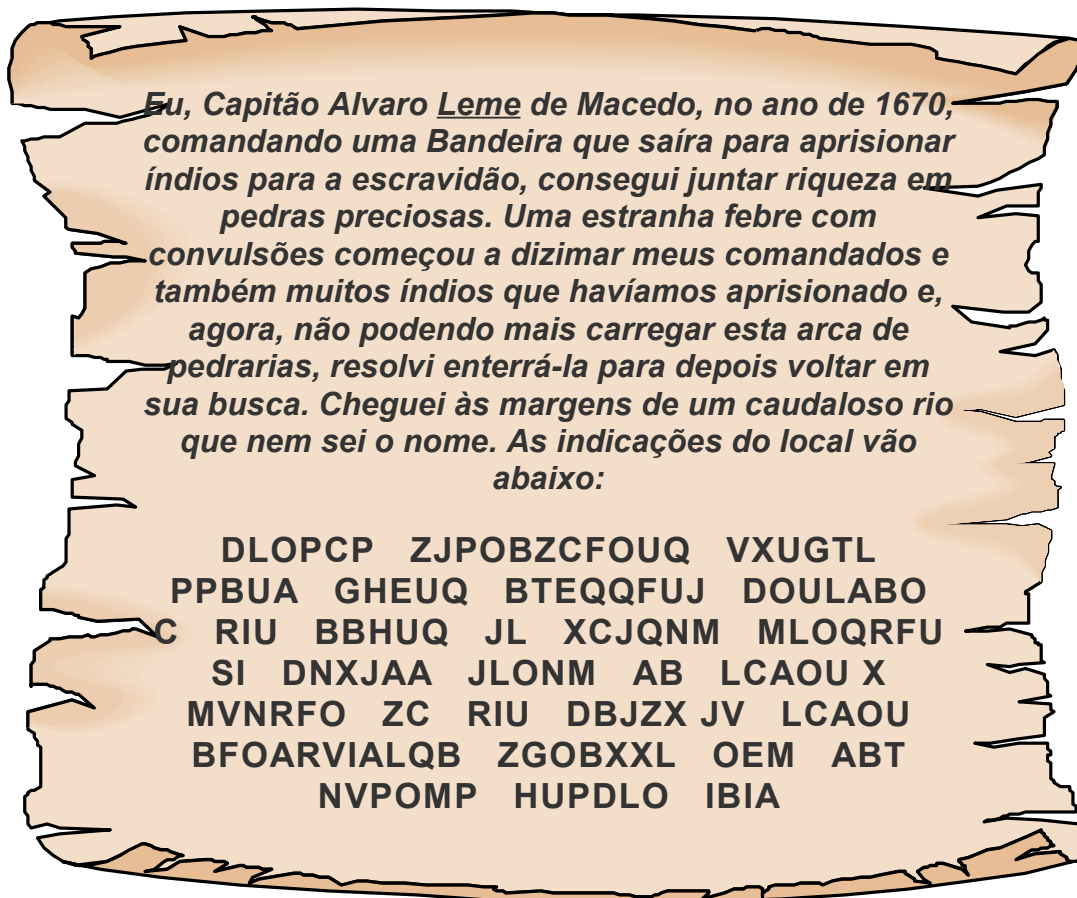
A idéia única era... fugir. Qualquer lugar seria melhor ou menos pior.

Fiquei preso por ali umas três colheitas. Já conhecia a região e vários outros forçados, já confiava em alguns. Já confiava em alguns, mas não tanto para contar um segredo.

É... O segredo do tesouro!

Um dia, chegou um cavaleiro em disparada numa mula alta e fogosa. O vento balançou um pano no varal e a mula se assustou, rodopiou e caiu com o homem bem perto de mim. Alguma coisa correu da bolsa que estava presa na garupa e rolou para debaixo de um tronco caído no chão. O homem nem percebeu e nem me viu... Montou na mula, que já estava de pé e não parava de “sapatear”, e prosseguiu desabalado sob poeira intensa. Devia ser algo bem importante... Corri para o tronco, peguei o objeto – era uma caixinha – afastei-me do lugar e o enterrei colocando uma pedra por cima para marcar o lugar. Ah! Não demorou muito e lá vinha o homem de volta com mais outros dois. Apeararam no lugar da queda e começaram a procurar. Depois, foram andando por onde o homem da mula tinha chegado, sempre procurando. Demoraram muito tempo e voltaram.

Começaram uns dias difíceis. Eles achavam que alguém de nós tinha pegado a caixinha, mas não tinham certeza. Muita violência, ameaças, castigos, muito trabalho forçado... Ninguém sabia de nada. Passaram-se muitos dias até surgir uma oportunidade para eu examinar a caixinha. Era um papel muito velho e amarelado. Aqui está:



Não entendi nada! Tornei a esconder muito bem o papel, mas não sabia até quando agüentaria tanta violência. Todos estavam revoltados e achei melhor deixar assim. Aconteceria alguma coisa.

Preparamos uma fuga, mas o plano era a gente se separar. Todos queriam subir o rio para os lados da civilização e eu queria descer cada vez mais para o sertão e esperar melhor oportunidade para voltar, se possível, por outro caminho. O importante era fugir e não ser recapturado.

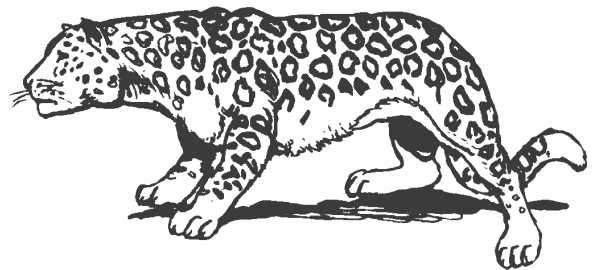
A oportunidade tão esperada aconteceu numa noite nublada e escura. No grande barraco em que dormíamos, forçamos uma janela que, há tempos, vinha sendo abalada aos poucos. Conseguimos abri-la. Saímos de um em um em silêncio. Todos sabíamos o que fazer. Incendiamos o depósito

para ocupar a jagunçada e corremos para o mato... Não sei mais nada! Corri sozinho para as barrancas do rio, escutei muitos tiros e gritos, vi o clarão do incêndio, encontrei uma canoa onde elas costumavam ficar e remei a noite toda, rio abaixo, sem descanso. Minhas forças vinham da grande vontade de fugir.

Levava algumas ferramentas, um pouco de carne seca e farinha. Antes de clarear, achei melhor me esconder. Toquei para a margem, puxei a canoa para o meio do mato, mastiguei um pouco de comida, deitei-me e dormi agitado e livre. Só pensava em não ser apanhado outra vez.

Fiquei o dia todo escondido. O sol já tinha dobrado quando passou um barco de guardas. Estavam procurando fugitivos e eu não podia saber se era o único que ainda estava livre. Fiquei esperando o escurecer para voltar com o barco à água outra vez.

A noite chegou, mas eles não tinham voltado... Fiquei esperando. Escutei um miado de onça por perto, subi em uma árvore e fiquei espreitando o rio. Lá pelas tantas, vi a canoa voltando. Contei a jagunçada, era o mesmo número.



Deixei passar um tempo depois que desapareceram na curva mansa do rio e pulei para a água. Remei muito. Depois, cansado, deixei a canoa descer, levada pela correnteza, e fiquei olhando as ondinhas brincando de brilhar e rebrilhar a lua num acende-apaga incessante.

AS ILHAS

No fim da segunda noite dentro do barco, já começando a esbranquiçar o horizonte de uma madrugada fresca, acordei com as corredeiras. Pensei logo numa cachoeira! A canoa jogava muito e eu, com o remo, tentava controlá-la. A velocidade aumentava e não via como escapar. A água entrava na canoa que ameaçava afundar. Tentava me desviar das pedras. Aproximar da margem era impossível. Pensava rápido: ou cair na cachoeira e tentar mergulhar ou me agarrar a uma rocha e ficar sem saída. A velocidade aumentava... quase me atirei na água...

Aí que percebi serem apenas corredeiras. Meu único problema era manter-me à tona até chegar a águas mansas. O barco jogou muito ameaçadoramente, mas se agüentou não sei como. Passado o perigo, a canoa estava com bastante água. Aproximei-me de umas ilhas grandes onde, pelo meio delas, o rio se ramificava em vários canais. Encostei com cuidado, escondi a canoa no barranco por entre a folhagem e esperei o sol para melhor examinar a ilha.

Das grimpas de uma árvore mais alta, observei o grande vale cortado pelo caudaloso rio. Um vale imenso, verde a perder de vista, com montanhas azuis lá no horizonte. Um aspecto de quietude, de paz que me impressionava! Mas naquela mataria, havia muitos tipos de animais escondidos. E índios que podiam estar com raiva do que sofriam nas mãos de alguns civilizados! Quantos segredos aquela selva escondia pelo vale afora?

Passou um gavião com um grito estridente.

Desci para percorrer a ilha. O lugar era muito agradável, os pássaros cantavam com a alvorada do novo dia e as flores

exalavam um aroma suave – um lugar ermo e silencioso que me fez dono do mundo.

Revi todos os acontecimentos passados e comecei a pensar e sonhar se poderia sobreviver na selva e se conseguiria voltar um dia... Como estaria minha família, meu pai, minha casa... Foi aí que levei um susto!

Era barulho de gente e podia ser perigoso! Aproximei-me com cuidado até ver; era um menino que começava o trabalho numa plantação. Não vi mais ninguém. Ele trabalhava sozinho e isso eu estranhava! Um sujeito que trabalhava sem ninguém vigiando. Um sujeito não sujeitado não pode ser mau sujeito!... Ou seria o contrário?

Fiquei olhando mais algum tempo. Estava com minha faca. Fui me aproximando, aproximando... De repente o menino me viu e se assustou... Assustou-se mesmo, mas quando viu que eu estava sozinho, foi se acalmando. Conversamos. Ele também tinha a sua história e seus motivos para estar ali. Ele e os outros. Contou-me que eram nove, um em cada ilha. Cada uma servia apenas para uma pessoa morar, porque eram ilhas pequenas.

Disse-me para ficar com eles.

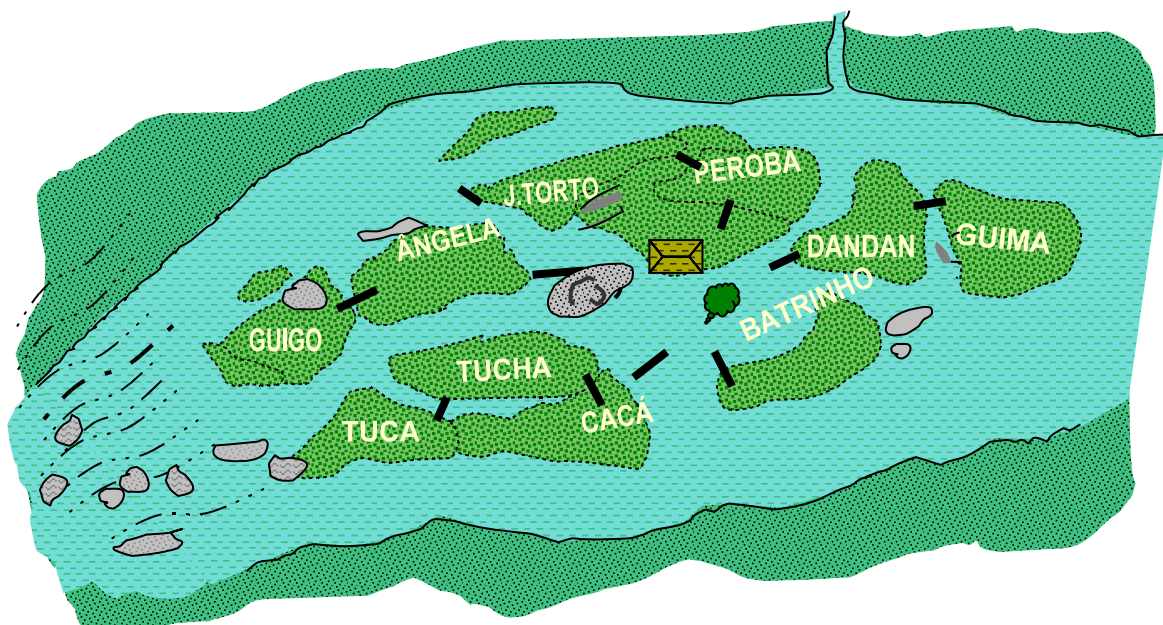
Chamava-se Guigo. Ajudei-o durante todo o dia. Plantava arroz furando a terra com um pedaço de pau pontudo, jogava dentro as sementes e cobria empurrando a terra com o pé.

No fim do dia fomos para uma curiosa ilha central, onde todos se reuniam à noitinha para um papo, cantorias e brincadeiras ao redor de uma fogueira. Aí conheci os outros oito e comecei a compreender como viviam. Eram duas meninas e seis meninos contando comigo. Também tinham dois homens muito legais: o Joaquim Torto e o Peroba. Cada um contou sua história o que levou um bom tempo.

Eles se chamavam de *irmãos*. Cada um na sua ilha durante o dia fazendo as suas coisas e trabalhando na lavoura.

Cada um com seu rancho onde fazia sua comida. De tarde, pegavam as canoas, percorriam as armadilhas e levavam as caças para a ilha central chamada de Corte. Ali acendiam a fogueira e repartiam o churrasco com bons papos. Era tudo muito simples e fraternal.

Todos queriam que eu ficasse, que eu fosse também um irmão. Mostraram-me uma ilha onde poderia ficar e... entrei na turma.



Era costume a ajuda mútua quando necessária e, nos primeiros dias, todos acorreram a me ajudar na construção de um rancho e dar início à lavoura. Minha ilha ficava mais para o lado direito do rio entre o Guigo e a Tucha. Tinha boa vegetação, com algumas frutas e raízes comestíveis. Sua mata, aos poucos, ia ficando limpa com bancos aqui e ali onde me assentava para ver o rio andar manso e pesado. O rancho, bem construído, possuía uma sala grande com mesa, bancos e fogão; um quarto com uma cama que era feita com quatro forquilhas fincadas no chão e tiras de couro trançadas.

Sempre atravessava o rio para colocar as armadilhas e alçapões. Aprendi a caçar com Idandamboapi, um índio que chegou sozinho às ilhas, depois de muito andar quando sua tribo foi dizimada e suas terras ocupadas com a chegada dos

tratores... Seu nome foi abreviado para Dandam.

O arroz e o feijão que plantávamos era a garantia de sobrevivência. A lavoura, mesmo tão primitiva, sem ferramentas, dava um resultado certo que sustentava. Nós não tínhamos dinheiro, não tínhamos capital. Construimos nossa sociedade, nossos ranchos e nossas lavouras usando o trabalho. Lembrava-me dos livros de História. No Egito antigo ainda não havia sido inventada a moeda. Eles construíram suas cidades, prédios, palácios, lavouras, barcos utilizando o trabalho.

Era decisivo o fato de sermos dez pessoas, pois se um ficava doente muitos dias ou em dificuldade, os outros acudiam. Sobreviver sozinho é impossível. Precisávamos nos proteger e ajudar de modo a sermos fortes.

A Corte era uma ilha que ficava no meio das outras. Quem chegasse à corte descendo o rio veria um morro alto que cortava a água como um barco. Do outro lado, ele era liso e quase vertical. O resto da ilha era



plano tendo, de um lado, um pouco de árvores e, no mais, era terra ruim, praias e barro que servia para cerâmica. Com ele, fazíamos algumas vasilhas. Perto do morro havia um grande jequitibá – pau de binga – que dava uma excelente sombra por sobre a grama onde nos reuníamos. O morro era todo de pedra e descia como uma parede que só não era completamente lisa por causa de uma fenda, estreita em cima, alargando-se para baixo até caber uma pessoa, quase formando uma gruta.

As tardes na Corte eram divertidas: os papos, o churrasco, as histórias, as músicas com o Tuca na flauta de bambu e a Ângela que tocava uma espécie de maraca.

Eram jogos, brincadeiras e estudos até certa hora; depois ia cada um para a sua ilha.

Claro, havia problemas, mas eles eram resolvidos em

comum. Em toda sociedade há problemas o que varia é a forma de resolvê-los. Fazíamos excursões para caça, pesca e sondagens da região. As ilhas possuíam muitos atrativos. A última ilha, lá de baixo do Batrinho, possuía uma ponta, lembrando uma restinga, que era toda de areia branca e solta – lugar ótimo para as nossas correrias. Ali sempre encontrávamos ovos de tartaruga.

Às vezes, fazíamos grandes excursões. Saíamos das ilhas, atravessávamos o rio e caminhávamos pelo mato adentro cada vez numa direção diferente. Já conhecíamos bem a selva ao redor. Saíamos armados de facas, flechas e lanças. Andávamos muito e nunca encontramos sinal de civilização. Havia uma clareira que era uma taba abandonada. Índio mesmo, só o nosso Dandam! Uma vez, encontramos melancias num dia de muito calor... Fiquei até com medo de que alguém passasse mal. Trouxemos sementes para plantar...

Mais fácil que trazer melancias.

Numa excursão, encontramos uma coisa que resolveu um dos nossos grandes problemas. Chegamos a um lugar com um mato de grandes árvores, mas de chão pisado como se fosse passagem de muitos bichos. Fomos explorando com cuidado, em silêncio. Era um terreno diferente. Avistamos um veado lambendo uma espécie de buraco numa rocha alta coberta de plantas. Foi rápido porque ele fugiu amedrontado. Tratamos de ver o que era aquilo. Por baixo das plantas e de uma camada de terra, tinha uma rocha branca que aparecia no buraco. Já estava desgastada no lugar das lambidas dos animais. Quebramos um pedaço e experimentamos: era sal! De vez em quando fazíamos excursões para apanhar sal-gema, que depois era moído na Corte. Os churrascos passaram a ter novo atrativo. Engraçado! As chuvas vão levando, pouco a pouco, todos estes sais para o mar... Algum dia, só vão sobrar minas de sais subterrâneas!

Um dia, na Corte, mostrei a carta cifrada para a Tucha.

Ela ficou muito impressionada e queria decifrá-la. Lemos de trás para diante. Nada! Trocamos todas as letras pelas seguintes no alfabeto. Nada! Trocamos pelas que antecedem. Nada! Não dava para entender. Acabamos chamando todos para ajudar, mas ninguém atinava com o segredo. Dandam só olhava a última palavra “IBIÁ”. Ele disse que, na sua linguagem, significa “morro cortado”. Alguém gritou: “Veja!...” Todos olhamos para o morro cortado de cima abaixo pela fenda. Isso nos causou muita excitação. Só faltava o tesouro estar por ali!... Corremos todos para a fenda, escavamos depressa por ali tudo e... Nada! Não deixamos um lugar sem escavar dentro da gruta. Dava até para plantar uma roça como naquela história em que o tesouro era a colheita. Durante vários dias, tentamos decifrar o segredo. Não conseguimos! Contamos as vogais e vimos que, da letra “A”, havia 11; da “E”, 3; da “I”, 6; da “O”, 15 e da “U”, 13. Isto não conduziu a nada. A palavra “RIU” aparecia duas vezes. Também duas vezes ocorria “LCAOU”. Não surgiu idéia nova!

Muitos dos irmãos passaram por escolas, mas somente Tucha havia lido "A Jangada" de Júlio Verne. Ela estava convencida de que a nossa carta cifrada era do tipo de transposição de letras usada naquele livro, só que o Capitão Leme era duzentos anos mais antigo que João Garral. Se fosse transposição de letras, só poderíamos decifrá-lo com o código. Era impossível sem o código! Fomos abandonando a idéia de decifração, esperando ocorrer algo novo, e voltamo-nos aos poucos aos nossos afazeres, que tinham um resultado mais garantido.

Outras coisas muito importantes estavam para ocorrer conosco. Vou contar, pois estes fatos acabaram sendo decisivos.

PRIMEIRAS TRANSAS

Eu estava com uma idéia na cabeça fazia tempos e, no fim das colheitas, falei com todos numa tarde na Corte:

–Estive pensando... Cada irmão planta arroz e feijão – são duas lavouras para cada um. A gente podia combinar uma divisão de trabalho: metade de nós planta só arroz e a outra metade, feijão... Depois fazemos as trocas.

A discussão foi até tarde e resolvemos fazer uma experiência. Cinco de nós plantariam só arroz e os outros cinco, só feijão.

E assim foi feito e deu certo. Cada um se preocupava apenas com uma lavoura de tamanho maior, um só tipo de trabalho – o que acabou aumentando a produção.

Continuamos nossas caçadas, churrascos, papos e brincadeiras sem imaginar o que estava por acontecer!

Na colheita, verificamos uma coisa muito interessante: Peroba colheu cem litros de arroz e começou a perturbar o Joaquim Torto, que havia colhido apenas oitenta litros de feijão.

–Ê, Joaquim Torto! Você é ruim de trabalho mesmo, hem? Colhi cem litros e você, só oitenta!

Joaquim Torto não gostou da história. Ele era trabalhador, mas tinha colhido apenas 80 litros. Respondeu bravo, mas também brincando. Dali a pouco, já estavam rolando na grama. Peroba montou em Joaquim Torto tentando imobilizá-lo no chão:

– Quieta, égua... oôua!...

Joaquim Torto se contorceu, conseguiu derrubar Peroba e o agarrou com uma gravata, deixando sua orelha vermelha. A luta continuou até arriarem forças. Este era um jogo comum

nas ilhas.

Depois, quando terminamos nossas colheitas, verificamos que o que acontecera com Joaquim Torto e Peroba acontecera com todos. Cada plantador de arroz colheira cem litros enquanto que cada plantador de feijão colheira oitenta litros. Isto era natural: o feijão, naquelas terras, era menos produtivo que o arroz. Até dava certo porque a gente costuma comer menos feijão que arroz.

À noite, na Corte, alguém rabiscou com carvão na pedra lisa do morro iluminada pela fogueira:

<i>meu feijão</i>	<i>seu arroz</i>
<i>80 litros</i>	<i>100 litros</i>

Tudo estava bem, mas deu um problema que não foi fácil... Uma briga danada! Tudo porque o arroz dava cem litros por ano e o feijão, apenas oitenta. Aconteceu o seguinte. Joaquim Torto pegou quarenta dos seus oitenta litros de feijão, colocou na canoa e tocou para a ilha do Peroba, que tinha plantado arroz e colhido cem litros. Foi fazer a troca:

– Ô, Peroba. Trouxe quarenta litros de feijão para trocar por arroz.

– Certo, Joaquim Torto, vou buscar e já volto.

Veio com quarenta litros de arroz para trocar e o Joaquim Torto logo falou:

– Êpa, peraí... Você tem que dar cinqüenta litros de arroz!

– Que é isto, Joaquim Torto! Você me dá quarenta e quer cinqüenta em troca?

Brigaram, o Joaquim Torto foi embora e, de tarde, estavam na Corte, de cara amarrada. Todo mundo ficou sabendo e começou a discussão.

Os que plantavam feijão queriam trocar quarenta litros de feijão por cinqüenta litros de arroz, os que plantavam arroz queriam trocar pau-a-pau e até havia uma – a Ângela – que queria trocar quarenta de arroz por cinqüenta de feijão, mas

ninguém lhe dava atenção.

Aos poucos, ficou claro que, se fosse pau-a-pau, ninguém iria plantar feijão na outra safra.

Aí, o Joaquim Torto falou:

– Bonito!... Se eu trocar quarenta por quarenta, fico com quarenta de feijão e quarenta de arroz; e ele fica com quarenta de feijão e sessenta de arroz. Pegou depressa um carvão e escreveu na pedra do morro.

<i>meu feijão</i>	<i>seu arroz</i>
40	40
+	+
40	60

Agora, se trocar quarenta por cinqüenta, a conta é essa:

<i>meu feijão</i>	<i>seu arroz</i>
40	50
+	+
40	50

e ficaremos com noventa litros para cada um!

Isto liquidou a discussão. Todos aceitaram trocar quarenta de feijão por cinqüenta de arroz, mas não sabiam por quê. Fizeram as trocas, ficou tudo acertado, menos na cabeça: não sabiam por quê. Este era um assunto dos serões na Corte: o justo é trocar quarenta por cinqüenta, mas... por que?

Quem resolveu este problema fui eu. A idéia me chegou durante o trabalho na ilha, semeando e afundando os pés na terra afogada. De tarde, fui para a Corte contar para os outros:

–É fácil – disse – quarenta litros de feijão é o mesmo que metade do trabalho de um ano e cinqüenta litros de arroz também é. O feijão é mais trabalhoso e o arroz dá menos trabalho. Quarenta por cinqüenta significa seis meses de trabalho por seis meses de trabalho. Estamos trocando trabalho, aí está a igualdade! Quarenta litros de feijão possuem o mesmo valor que cinqüenta litros de arroz. A base de troca é 4 por 5 e qualquer outra base transfere valor de uma

pessoa para outra.

–Como é esse negócio de transferir valor? Perguntou Peroba.

Tucha explicou:

–Se for trocado 40 litros de arroz por 40 de feijão, quem plantou feijão trabalhou uns dias de graça para o outro.

–Quantos dias?

–A pessoa que plantou feijão perdeu 10 litros de arroz, ou seja, 10% do trabalho, que equivale a mais de um mês trabalhado de graça para o outro.

A discussão continuou por aí a fora... Mas já ficara tudo transparente. O problema estava resolvido e as coisas voltaram a funcionar bem. Quem plantou arroz mudou para feijão para variar e descansar a terra, e vice-versa.

O churrasco estava ficando pronto. Era um imenso surubim que o Dandam tinha apanhado na armadilha. Foi devorado rapidamente, só ficando a cabeça e as espinhas. Também, a cabeça é quase metade do surubim!...

Num dia mais folgado, o Guigo – que era louco por futebol – pegou barro na Corte, fez uma bola em duas metades com casca bem fina e pôs para endurecer. Enrolou fibra por cima e deixou secar com goma. Quebrou a bola de barro com cuidado e retirou os pedaços ficando com uma bola de fibra trançada. Retirou látex de uma seringueira, revestiu a bola com grossura de um dedo e pôs para ferver. Pronto! Estava feita a nossa primeira bola de látex para jogos. Mais uma atividade na Corte! Principalmente aos domingos, quando ficávamos o dia inteiro jogando, nadando, jogando dama e tantas outras diversões. Para cada sete dias tinha um domingo e não sabíamos se era no mesmo dia que nas cidades. Era o nosso domingo!

Cada vez mais íamos aperfeiçoando as armadilhas. Pegávamos aves, peixes, bichos de pêlo e, às vezes, uma tartaruga. O churrasco era repartido e, se sobrava, cada um

levava um pouco para a refeição do outro dia sozinho na ilha.

Às vezes, sobrava bicho sem matar. Era assim que num viveiro havia mutuns, saracuras e nhambus; noutra havia capivaras, pacas e um filhote de anta. Porém ainda não tínhamos conseguido fazê-los se reproduzir.

Tucha tinha pegado um filhote de papagaio, que cresceu e aprendeu a falar. Também, só tinha que aprender, a Tucha gosta de um papo!... Agora é só currupaco paco paco o dia inteiro.

Nas ilhas, todo dia tinha uma novidade!

A Tucha parece que gostava de conversar mais era comigo. E eu também, com ela! Nadávamos juntos, andávamos pela floresta. Às vezes, olhava para mim e eu, para ela. Que coisa... Como era bonita!

O DEPÓSITO

Em um dia de folga, com a roça já capinada esperando as flores, fui bater papo com o Guima. Ele, sempre que podia, ficava mexendo com suas invenções: armadilhas, engenhocas, trincos e outras coisas. Estava terminando um arco e flechas. Conversa vai, conversa vem, tivemos algumas idéias sobre a nossa vida e a levamos de tarde para a Corte:

–Gente, esse negócio das trocas de feijão e arroz deve ser melhorado. Dá trabalho procurar quem queira trocar e dá trabalho ir de ilha em ilha carregando peso pra lá e pra cá.

–Podemos fazer o seguinte: a gente constrói um depósito aqui na Corte e, quando chegar as colheitas, todos trazemos o arroz e o feijão para guardar. Durante o ano, vamos buscando quando for preciso.

Discutimos bastante. O churrasco estava muito fraco: uns peixes pequenos e umas pombas. No fim, a maioria achava boa a idéia, alguns estavam contra e fomos embora adiando a decisão... Nem havia pressa!

Depois de muitos dias e muitas discussões, a coisa começou a tomar forma quando o Guigo disse:

–Acho que devemos construir o depósito e, para evitar enganos e complicações, devemos distribuir vales para todos. Acho que deveriam ser cem vales para cada um e, depois, quem quiser retirar mantimentos, é só trazer vales.

Todos gostaram da idéia e ficou decidido isto mesmo: cem vales para cada um.

Começou a obra! Todas as tardes, perto do jequitibá, antes do churrasco, trabalhávamos na construção de um grande barraco com um terraço de fora a fora para nos abrigar se chovesse quando estivéssemos na Corte. Fizemos uma churrasqueira

encostada no grande morro de pedra. Os vales foram feitos de couro de cobra. Uma sucuri dava muitos vales e o Batrinho tinha matado uma muito grande. Justo o Batrinho – o menorzinho de todos.

Quando chegaram as colheitas, começou a funcionar. O primeiro foi o Tuca. Trouxe cem litros de arroz e retirou cem vales. Depois veio a Ângela. Deixou oitenta litros de feijão e retirou cem vales. Assim, logo depois das colheitas, o depósito estava cheio e os mil vales – cem para cada um – estavam distribuídos entre os irmãos.

A Corte ferveu logo! Desta vez, a crise foi feia gerando um grande mal estar... A Ângela trocou dez vales por dez litros de feijão. Todos sabiam que era errado, mas sem saber por quê.

–Quem depositou oitenta litros de feijão devia ter recebido oitenta vales, e não cem, disse o Peroba.

–Não – retrucou o Tuca – deve receber cem. Somos todos irmãos e nem há o que discutir: teve o mesmo trabalho que quem plantou arroz. Trabalho igual, mesmo valor, vales iguais.

–Mas isso não dá certo.

–Calma – disse eu – já sei o que aconteceu. Quem depositou cem litros de arroz e retirou cem vales, trocou um vale por um litro! Escrevi na pedra com carvão:

$$\begin{array}{r} 100 \quad | \quad 100 \\ 0 \quad \quad | \quad 1 \end{array}$$

Agora, quem depositou oitenta litros de feijão e retirou cem vales, deve poder retirar de volta os oitenta litros com os cem vales. Cem vales valem oitenta litros. Escrevi na pedra:

$$\begin{array}{r} 100 \quad | \quad 80 \\ 200 \quad | \quad 1,25 \\ 400 \\ 0 \end{array}$$

–Dividindo os cem vales em oitenta partes, um para cada litro, encontramos que um litro de feijão deve ser trocado por 1,25 vales. Devemos fazer um sistema de vales para troco.

–Assim ficou resolvido. A Ângela devolveu dois litros de feijão ficando dez vales por oito litros e tudo se normalizou. O feijão dá mais trabalho, é mais caro!

O depósito ficou funcionando deste modo. No início, toda a produção estava no depósito e todos os mil vales, em circulação. Durante o ano, os vales foram voltando para o depósito que, no fim, estava vazio, mas com mil vales numa caixa. Durante alguns anos, tudo funcionou muito bem com todos satisfeitos. Para todos estava claro o mecanismo das trocas. Só o Peroba fazia o que tinha de fazer, mas não gostava de entender.

Às vezes, nos serões da Corte, entre um churrasco e outro, ainda surgiam comentários:

– Puxa!... – disse o Batrinho – como agora está claro o sistema de vales... Com a prática, compreendi tudo muito bem. Imagine se um vale fosse trocado por um litro de feijão!... ninguém plantaria feijão... Que crise conseguimos superar!

– Interessante! Cada medida que tomamos para melhorar nossas vidas gera uma crise a ser superada.

– É verdade. Agora, tudo está acertado.

– A única coisa de que não gosto é ficar sem vales no fim – reclamou a Tucha. Seria bom se a produção não fosse toda na mesma época, assim sempre estaria entrando mercadoria no depósito e saindo vales para compensar os que entrassem.

Um dia, tivemos um alvoroço!

Tuca viu uma canoa se aproximando sem remadores. Deu o alarme que correu de ilha em ilha. Ângela e Guigo correram para a praia, os três moravam nas primeiras ilhas.

A canoa se dirigia para a ilha do Guigo e todos se encaminharam para lá. Puxaram o barco que exalava um

cheiro horrível e viram dois homens deitados, muito feridos de tiros. Logo perceberam que um estava morto há tempos. Tiveram que atirá-lo à água. Retiraram o outro e o levaram para o rancho do Guigo. Estava muito ferido e murmurava coisas desconexas. Falava em “máquinas” e “Mister Ruquert” ou coisa parecida e muitos sons desconhecidos.

Era preciso retirar as balas do corpo, mas ele estava muito fraco. Demos comida, chá de ervas e ficamos aguardando. Foram três dias de febre que o deixou variando e dizendo coisas ininteligíveis. Depois morreu.

Resolvemos enterrá-lo e ficamos sem saber o que tinha acontecido, mas devia ser uma das histórias já nossas conhecidas. Aproveitamos sua canoa e alguns objetos que trazia.

Ficamos todos agitados!

Será que nosso sossego seria perturbado algum dia? Chegaria mais gente? Quem matou aqueles dois homens? Que significava aquelas duas palavras que dissera? Tudo isso foi assunto na Corte durante muito tempo.

Notamos que gostávamos das ilhas, onde tantas coisas já havíamos feito. Começamos a duvidar da nossa vontade de um dia voltar para a civilização. Estávamos partidos ao meio: queríamos ficar e queríamos ir embora. Eu já fazia os meus planos. Tantos anos longe... Meu pai talvez morto... Que teria acontecido com minha mãe?

Será que a Tucha voltaria? Bem!... Aqueles dois mortos serviam para mostrar que a civilização não é um lugar muito seguro para se viver, mas... Queria voltar assim mesmo.

O VADIÃO

A época da colheita estava chegando e eu já tinha novas idéias. Não sabia como a Corte as receberia, principalmente depois das crises provocadas pelas primeiras mudanças que fizemos nas ilhas. Idéias novas são sempre repelidas num primeiro contato.

Num serão menos animado, eu disse:

– Olha, pessoal... Chegando a colheita, pensei em dar férias de um ano para cada um, um por vez, por sorteio.

Todo mundo deu risada.

– E quem vai dar comida para ele?

– Calma. Deixem-me explicar tudo. Já temos dois trabalhos: plantar arroz e plantar feijão. Agora, proponho um terceiro. Vocês sabem que o depósito funciona bem, mas, às vezes, ocorrem enganos. Proponho que um de nós dez fique de fora da lavoura, só tomando conta do depósito, recolhendo colheitas, distribuindo vales e efetuando as trocas durante o ano.

Quebrou o pau! Muita discussão. A maioria contra. Na verdade, só eu, o Guigo e o Guima éramos a favor.

Todo o dia, o assunto voltava para a discussão na Corte. Um dia, Joaquim Torto disse que tinha mudado de idéia. Achava que era necessário alguém tomando conta do depósito, inclusive para Proteção contra algum estrago por animais e aves ou até contra o imprevisto. E os ratos da Corte?... Afinal, era toda a nossa produção que ali estava!

A idéia acabou vingando e o primeiro a ser sorteado foi o Dandam.

Terminada a colheita, depositamos tudo, pegamos os cem vales cada um e tudo funcionou perfeitamente bem.

O ano todo, os nove plantavam, o Dandam tomava conta do depósito e, sempre que queríamos alguma coisa, era só pegar uns vales e... Lá estava o Dandam atendendo. Já ganhara o apelido de Vadião. Mas não era vadio... Sempre arrumava alguma coisa para fazer. De ficar à toa, ninguém gosta!

Mas havia algo no ar!... Nove produzindo para dez... Não sei não!...

Chegou a nova colheita. Tocamos a colocar tudo no depósito e o próximo eleito foi o Guima, para Vadião, voltando Dandam para a lavoura.

Foi aí que aconteceu uma coisa engraçada e séria! Pensei comigo: o ano inteiro, o Dandam não produziu, e agora recebeu cem vales sem colocar nada no depósito... Vai faltar alimento!

Corri com meus vales para comprar um bom sortimento. Quando cheguei ao depósito, havia uma fila com todos brigando...

Esta crise foi difícil de resolver!

A discussão se prolongou pela noite adentro, longe de fazer aparecer proposta razoável de funcionamento do depósito.

Então pedi atenção e falei:

– Já está tarde. Precisamos de mantimentos. Proponho que cada um de nós retire dez litros de arroz e oito de feijão a crédito, para necessidades imediatas, até termos uma solução definitiva.

Todos aceitaram. Tomamos o chá costumeiro de várias plantas e fomos para os ranchos.

Daí em diante, todas as noites, o assunto era o mesmo: como resolver o problema? Como retirar o mantimento do depósito?

A produção caíra dez por cento. No lugar de dez, havia

apenas nove produzindo. Se fôssemos comprando, no fim sobrariam vales em nossas mãos, sem controle – uns teriam comprado mais que os outros!

A primeira proposta foi do Joaquim Torto:

– É só retirar dez vales de cada um. Cada um fica com noventa e teremos noventa vales circulando, ficando certo com o produzido pelos nove que plantaram. Devemos cortar dez por cento dos vales em circulação.

– Êpa, disse o Peroba, o meu trabalho foi o mesmo do ano passado. Quero os meus cem vales.

– Ô, sua anta! De qualquer jeito, você vai retirar do depósito menos do que no ano passado. Estamos em crise!

– O negócio é acabar com o Vadião.

– Depois discutiremos isto. Agora vamos resolver o problema do depósito.

– É... Podemos cortar dez por cento de todos os vales. Discussão vai, discussão vem, Tucha propôs:

– Outro modo é aumentando o preço. Coloquei cem litros de arroz e só posso retirar noventa com os meus cem vales. Então, caiu o preço do vale e subiu o preço do arroz.

Todos escutavam atentos. Pegou um carvão e foi escrever numa pedra.

$$\begin{array}{r} 100 \quad | \quad 90 \\ 100 \quad 1,1... \\ 10 \end{array}$$

Pronto! Um litro de arroz custará 1,111... vales.

– Êpa! Êpa! Êpa! Seu ministro – era o Peroba falando – que está querendo fazer? Como vou ter certeza de que isto está justo? Vocês estão manipulando os preços... Eu, hem!

– Calma! Até você vai entender...

O Batrinho perguntou:

– E o feijão?

Tucha continuou com as contas.

– Quem colocou oitenta litros de feijão pode retirar apenas setenta e dois com os vales. Dez por cento menos.

$$\begin{array}{r} 100 \overline{) 72} \\ \underline{280} \\ 640 \\ \underline{64} \end{array}$$

– Aí está! Um litro de feijão custa 1,3888... vales.

Todos ficaram olhando meio desconfiados. O Guima estava alegre, ajudando a explicar.

Depois de novas discussões, todos resolveram experimentar as novas regras que acabaram se mostrando corretas na prática.

Depois de algum tempo, todos tinham se adaptado à situação de carestia com preço mais alto. Gastavam a mesma coisa, mas comiam menos.

E o Peroba soltava indiretas:

–Não quero mal a ninguém mas ainda bem que morreram aqueles dois que chegaram de barco. Não pode vir mais ninguém. Cada um que chegar vai aumentar os preços de tudo pois vai receber vales também.

Aí, o Joaquim Torto disse, logo:

–Mas você é burro mesmo, hem? Se chegar alguém que trabalhe para si, não haverá aumento de preços. Cada um deve produzir! Não é o aumento de gente que causa variação de preços, mas sim o aumento de gente improdutivo.

O Dandam correu e perguntou:

–Ô, Peroba, vou te fazer uma pergunta: Um jacaré come uma piranha em um minuto, cem jacarés comem cem piranhas em quantos minutos?

Respondeu o Peroba, rápido:

–Cem minutos, seu bobo, pensa que me pega?

Todos demos risadas. Era por isto que ele não entendia o problema da variação de preços. Evidente, se chegar mais um jacaré e também mais uma piranha, continua tudo na mesma.

–Piranha no sentido ecológico do termo!

O Guima estava firme de Vadião.

Alguns procuravam uma oportunidade para iniciar a conversa... Queriam acabar com a mamata antes do início das plantações. Mas era uma mamata rotativa!

O Guima agora tinha tempo de sobra para mexer com suas artes. Estava fazendo umas coisas sem contar para ninguém.

De tarde, chegamos com nossas caças para o serão e encontramos o Batrinho já em atividade dizendo:

–Guardem as caças para amanhã. Hoje, já tenho tudo preparado. Achamos estranho, pois o fogo estava apagado e os espetos, vazios. É que ele tinha pegado um jaú de seis palmos. Furou um buraco no chão, encheu de lenha e tocou fogo. Quando estavam somente brasas, colocou o jaú cheio de tempero e enrolado em folhas de bananeira. Colocou no meio das brasas e cobriu com terra, calor concentrado. Por isso, ninguém notava nada. Agora, depois do tempo certo, retirava a terra e já vinha aquele cheiro gostoso. O jaú estava desmanchado dentro das folhas tostadas da bananeira!

Foi um dia de festa e ninguém se lembrou de discussões. Fomos dormir bem tarde depois de muita brincadeira e música.

No dia seguinte, estava examinando a ilha que ficava à minha esquerda. Ela era desabitada e quase ninguém ia lá. Era separada da minha por um canal estreito de uns três metros de largura de águas velozes. Resolvi fazer uma ponte. Escolhi um lugar mais alto e atravessei dois troncos de árvore. Era o que bastava, uma pinguela!

Fiquei no novo domínio bastante tempo. O mato era bem fechado e, comparando, servia para mostrar o quanto já havíamos limpado nossas ilhas.

Encontrei mel num tronco oco de árvore. Usei fumaça e muito cuidado para retirar os favos. Pus para escorrer numa

peneira e recolhi numa vasilha de barro.

À noite, falei na Corte sobre a pinguela e todos já queriam começar a unir todas as ilhas com pontes. Isso daria muito trabalho e algumas teriam de ser suspensas com cordas por causa da distância.

Conversamos sobre as pontes, falamos sobre o Vadião e o Capitão Leme e fomos dormir.

No outro dia, voltou o problema da carestia por causa do Vadião, mas parecia que todos já aceitavam o fato como definitivo. A maioria não queria mais discussão:

– É!... Chega de muita conversa – disse o Joaquim Torto. Vou ficar de cabelos brancos... Busca o tabuleiro de damas que vou surrar um por um... Façam fila aí.

– Isso mesmo. Vamos ficar cada um uma vez de Vadião, depois acabamos com isto e voltamos à plena produção.

O Guigo, o Guima e eu é que discutíamos muito. Queríamos compreender bem estes fenômenos curiosos que apareceram com o depósito, os vales e o Vadião. Reservávamos uma parte do tempo para o estudo de nosso país de dez habitantes.

Uma coisa muito interessante que acabamos entendendo a muito custo era a diferença entre valor e preço. Para nós, o valor de quarenta litros de feijão era o mesmo de cinquenta litros de arroz, que eram seis meses de trabalho. Assim, já estava há anos. Quanto mais trabalho, mais valor. No entanto, o preço era bastante variável. Era dado em vales e nós o fixávamos de acordo com nossos interesses. Se, ao invés de cem vales para cada um, distribuíssemos duzentos, os valores continuariam os mesmos, mas os preços dobrariam ou então haveria confusão, corridas, filas, etc.

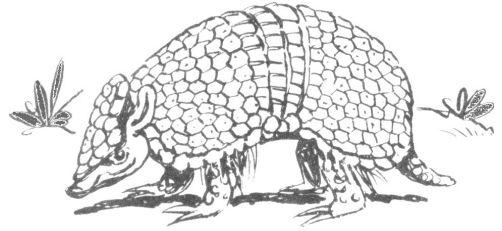
Outra coisa que acabamos compreendendo é a diferença entre trabalhar e produzir. O Vadião trabalha, mas não produz. Era um jogo muito interessante este de pensar sobre os nossos problemas. E ajudava a resolver crises! Mas o Peroba se

recusa a pensar...

Os preparativos para a época de semear estavam em andamento. O Vadião fazendo coisas que só ele entendia.

Às noites, os churrascos!

De manhã, atravessei o rio de barco com uma vara e iscas, resolvido a ir mais longe para pescar. Quase morri de susto quando um bicho passou correndo junto aos meus pés, saindo não se sabe de onde. Era um tatu. Larguei no chão a minha vara de pesca e me mandei atrás dele. Corre daqui, corre dali, o tatu não é muito veloz, mas vai ziguezagueando pelo meio dos arbustos, e eu atrás. De repente, em sua toca ao mesmo tempo em que dou um pulo e o agarro pelo rabo na entrada do buraco em meio à poeira.



Que bonitinho!

Depois de espernear um pouco, vai ficando mais quieto, mais cansado, olhando com os olhinhos redondos e pretinhos.

Bicho danado! Que cobra pode picar sua couraça? Que carnívoro pode ferir aquela casca dura? Só mesmo a esperteza de um rapaz como eu...

Voltei com o tatu pendurado de cabeça para baixo, peguei de novo a vara de pescar e desci para o rio.

Cheguei tarde à Corte, carregado de peixes. Dei o tatu de presente para a Tucha, que o colocou no viveiro. Todos ficaram com gozações para cima de mim porque conversei muito com a Tucha e ainda dou-lhe presentes. Afinal, ela também me dá presentes! E daí?... Não tem nada... Só gosto de conversar com ela. E pensar que praticamente foi criada nas ilhas! Chegou pelo mato com seu pai junto com o Joaquim Torto. Construíram os primeiros ranchos e as primeiras roças. Seu pai morreu e ela continuou firme, decidida... As ilhas se iniciaram com eles.

No dia seguinte, o tatu já havia fugido. Furou um buraco

por baixo da cerca do viveiro e conquistou a liberdade. Estava ali pela Corte, mas livre, e assim o deixamos, nem havia como mantê-lo preso!

O VADIÃO QUEBRA VALOR

No início do plantio, uma tarde na Corte, o Guima mostrou-nos o que estivera fazendo até então: novos instrumentos. Todos ficamos examinando e comentando admirados. No dia seguinte, corremos a testar os novos utensílios. Verificamos que o trabalho ficou mais fácil. A nossa técnica estava avançando!

O ano passou rápido e na colheita tivemos uma surpresa... Ninguém podia ter imaginado! Com os novos instrumentos, a produção aumentou. O resultado obtido foi igual ao produzido por dez pessoas. Era como se o Vadião tivesse plantado.

O depósito voltou a se encher, a carestia tinha acabado!

Corri a avisar para ninguém comprar, pois deveria haver novo reajuste nos preços – desta vez, para baixo... Já encontrei muitos discutindo a nova situação!

– Ora, se a produção foi como a de dez plantadores e eram dez a consumir, parece que devemos voltar aos preços de antes do Vadião: um litro de arroz por um vale e um litro de feijão por 1,25 vales.

– Claro! Os mil vales em circulação seriam gastos assim: quinhentos vales por quinhentos litros de arroz e quinhentos vales por quatrocentos litros de feijão ($400 \times 1,25 = 500$).

O churrasco naquele dia foi uma festa. Afinal, o Vadião adquirira mais um valor. Ele não plantava, mas a produção aumentava com suas ferramentas. Esta seria a nova função do próximo Vadião: produzir ferramentas.

Num canto, a Tucha, o Guigo, o Guima e eu

conversávamos:

–Só falta entender uma coisa... Houve variação de preço ou de valor?

Depois de muita discussão, falei:

–Para produzir um litro de arroz, estamos usando menos trabalho com as ferramentas novas. Então seu valor caiu.

O Guima não concordou:

– Não acho!... Nós dez trabalhamos. Meu trabalho produzindo ferramentas também está incluído no valor dos alimentos. Indiretamente, também produzi. Foram dez pessoas produzindo para dez pessoas.

Concordei com ele. Os instrumentos foram consumidos em uma safra! Foram transformados em alimentos. Então foram os preços que caíram aos níveis anteriores. Agora, éramos dez produzindo.

O Peroba continuava não entendendo estas variações de preços. Achava que os vales eram enfeitiçados e que ninguém poderia controlá-los. Ele costumava guardá-los empilhados num nicho da parede do seu rancho, mantendo acesa uma vela de sebo que ele mesmo fizera. À noite, ficava aquela luz balançando, fazendo assombrações. Parecia que os vales se mexiam. Todos nós respeitávamos essas atitudes! Ele achava também que aquela região das ilhas era enfeitiçada. Todo o vale era enfeitiçado!

O próximo eleito para Vadião foi o Guigo.

Durante algumas colheitas, funcionou assim. O Vadião fabricava instrumentos que todo ano eram consumidos nas plantações. Os nove, com as ferramentas, produziam por dez e tudo estava regularizado.

– Puxa!... Valeu investir no Vadião...

Todos davam palpites ao Vadião sobre detalhes novos nos instrumentos. Com algumas colheitas, as ferramentas foram aperfeiçoadas provocando mudanças profundas na nossa pequena sociedade.

O Vadião inventou um arado de madeira que parecia muito eficiente. Eram necessários três trabalhadores para operá-lo e isto mudou todo o nosso relacionamento. Três plantadores com um arado percorriam três ilhas, uma de cada vez. O nosso relacionamento, que antes era só na Corte, com papos, jogos e churrascos, passou a ser também no trabalho e durante muitas horas. Era preciso coordenar nossos esforços para o trabalho conjunto, era preciso conhecer os dois companheiros. Nasceu outro tipo de amizade: novos tipos de piadas e gozações; nossa música mudou, agora cantando a cooperação, o ritmo de trabalho; nossas regras de conduta foram alteradas. Tudo mudou!

E aconteceu, outra vez, uma variação na produção: os nove, com novas ferramentas, produziam por onze.

Aumentara a produtividade!

À tarde, foi uma festa com todos discutindo a nova situação.

Os preços caíram com o excesso de produção. As opiniões estavam divididas em duas correntes.

–Devemos diminuir nosso tempo de trabalho, pois a produção está em excesso.

–Nada disso!... Vamos continuar com o mesmo ritmo e colocar dois vadiões. O segundo podia fazer roupas vistosas, bebidas e tantas outras coisas que a gente poderia gostar.

Aí estava o problema! Diminuir as horas de trabalho por dia e ter tempo para praticar esporte, arte, estudo, ou manter o mesmo número de horas de trabalho para ter supérfluos? Eram duas as correntes: os que queriam tempo, os que queriam supérfluos. Todos os dias, discutíamos estes dois caminhos. Eu mesmo estava indeciso... De uma coisa, tinha certeza: era bom dosar bem e nunca sacrificar o que era de primeira necessidade. Primeiro garantir uma vida tranqüila para todos!

No entanto, o Guigo achou que deveria receber mais vales que os outros, pois ele inventara e produzira o arado.

Discutimos o assunto e concluímos que todos tínhamos colaborado. Plantamos enquanto ele pensava. Demos sugestões e, principalmente, demos a base das invenções anteriores, das quais o arado era uma conseqüência. Todos se convenceram de que os conhecimentos, de algum modo, foram gerados por todos e não podiam ser utilizados em proveito apenas de alguns.

Tudo estava claro nas nossas cabeças. Continuaríamos irmãos!

Alguém propôs trocar o nome de Vadião, afinal ele assumira o trabalho na nossa sociedade. Mas, já era costume!

Discutíamos, perto do tronco de jequitibá, estas novas mudanças.

–O valor, desta vez, também caiu. Os dez produziram por onze. Está mais fácil produzir. Dá menos trabalho...

Todos concordaram. As novas técnicas aumentaram a produtividade.

Mais três pinguelas tinham sido construídas. Uma entre o Guigo e a Ângela, outra entre o Dandam e a Corte e a outra construímos a Tucha e eu. Cada vez mais, dominávamos as ilhas e o rio. Também melhorávamos as armadilhas para peixes, aves e animais de pêlo.

Já tínhamos montado um esquema muito grande para viver. Casa, lavouras, pontes, instrumentos, utensílios, roupas e principalmente regras sociais que funcionavam muito bem. E o Peroba ia sendo levado pelos acontecimentos, sem consciência...

Num ano em que Tucha ficou doente e não pôde trabalhar, recebeu cem vales normalmente provocando aumento nos preços. Outro ano, a ilha do Peroba era a mais baixa e numa inundação ficou praticamente encoberta, destruindo a lavoura. Recebeu cem vales normalmente provocando aumento dos preços e o ajudamos a reconstruir sua casa. Outras regras sociais regulamentavam o

funcionamento da Corte com o depósito, o Vadião e os vales. Tudo simples e de acordo com as nossas conveniências.

Um dia, alguém reparou na carta cifrada, em que a palavra LEME estava sublinhada. Peroba disse que talvez fosse o nome pelo qual o Capitão gostava de ser chamado. Podia ser, podia não ser...

Quando alguém fazia uma observação nova, reacendia o interesse de todo e o jogo da decifração recomeçava por alguns dias.

Alguém exclamou:

–Interessante! A palavra “LEME” que está sublinhada possui quatro letras e, na carta cifrada, somente “IBIA” possui quatro letras!.

Imediatamente, outro gritou:

–O quê! E é a última palavra!... IBIA deve ser a assinatura. Deve significar LEME.

–Vamos tentar isto!...

Escrevemos:



– Do I até o L, temos que contar 2 letras no alfabeto. Do B até o E, são 3; do I até o M, são 3; e do A até o E, são 4...

– Será que o código é 2334?

– Depressa! Vamos traduzir...

Copiamos as letras da carta e, embaixo delas, escrevemos os números 2 3 3 4 até o fim. Começamos a contar: D com 2 é F, L com 3 é O, O com 3 é R, P com 4 é T, C com 2 é E, P com 3 é S... A respiração parou... Aparecera a palavra FORTES! Olhamos uns para os outros... Será? Será que tínhamos conseguido? Continuamos:

DLOPCP ZJPOBZCFOUQ VXUGTL PPBUA
2 33 4 23 342 3 34 23 34 2 3 3 4 2 33 42 3 3 4
FORTES CORREDEIRAS ABAIXO TRE ZE

GHEUQ BTEQQFUJ DOULABO C RIU BBHUQ
2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4
IL HAS EXI S TIAM G RANDES E UMA DELAS

JL XCJQNM MLOQRFU SI DNXJAA JLONM
3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2
NO CENTRO PO SS UÍA UM GRANDE MORRO

AB LCAOU X MVNRFO ZC RIU DBJZX JV
3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4
DE PEDRA A PA RTIR DE UMA FENDA NA

LCAOU BFOARVIALQB ZGOBXXL OEM ABT
4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4
PE DRA DIRETAMENTE D IREÇÃO RIO DE Z

NVPOMP HUPDLO IBIA
2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4 2 3 3 4
PAS SO S L ARGOS LEME

Todos ficamos mudos, espantados. Aparecera uma frase com sentido! Seria verdade? Corremos com as ferramentas. Não era dentro da fenda, mas dez passos abaixo. Começamos a cavar... Não encontrávamos nada. Um pouco mais para cá, mais para lá... Alguém gritou:

–Bati em alguma coisa.

Todos corremos e escavamos. Começou a aparecer a quina de uma caixa. Continuamos... Os cantos eram de ferro, a madeira estava bem podre. Já podíamos abrir a tampa. Foi fácil, estava muito velha! Todos paramos ansiosos e em expectativa.

–Vamos ver...

Levantamos a tampa e lá estavam as pedras preciosas do Capitão Leme!

Foi uma festa sem tamanho. Ficamos até tarde na Corte comentando, revendo a decifração da carta cifrada, falando ou não sobre a coincidência da palavra “IBIA”. Gostaríamos de saber toda a história da carta. Que aconteceu com o Capitão Leme? Como a carta foi parar no bolso do homem que caiu da mula? As pedras seriam verdadeiras? Talvez algum dia saberíamos as respostas.

Depois, fomos dormir sonhando com tesouros, piratas,

bandeirantes, escravos, índios, mapas...

No dia seguinte, voltamos cedo para a Corte. O Joaquim Torto e o Peroba estavam exultantes. O Peroba dizia:

–Agora, com este tesouro, vou mandar construir uma casa, umas pontes, tudo que precisar.

Neste momento, foi como se acordássemos de um sonho. Um olhou para o outro... Todos mudos... Olhares surpresos... Como? Como construir com o tesouro? Éramos nós mesmos quem poderia construir!... O tesouro não constrói nada! Não podemos comer pedras preciosas, nem nos vestir com elas, nem morar nelas. Para que servem?

Por alguns dias, tentamos compreender este fenômeno. Ouro serve para alguma coisa? Serve! Serve para fazer dentes, talvez alguma coisa mais. E diamantes, para que servem? Servem para fazer ferramentas de cortar vidro, sei lá mais o que...

Tucha se manifestou:

–Engraçado! Uma vez o professor disse na aula que no Egito Antigo não havia moeda. Eu não entendia como podiam construir palácios e cidades sem dinheiro.

Peroba estava intranquilo, agitado dizendo:

–Quero voltar para a civilização. Com minha parte do tesouro, posso colocar outras pessoas para trabalhar para mim.

Assim, nossa corrida atrás do tesouro foi uma espécie de loucura coletiva!... Um enfeitiçamento... As pedras ficaram no mesmo lugar. Recobrimos com terra... Quem sabe, algum dia precisaríamos delas? Sei lá!...

Restou somente uma piada que circulou na época: eram dois patrícios numa cidade – Alfredo e João. Alfredo vendeu um cavalo a cem moedas a João. No mês seguinte, João vendeu o cavalo a duzentas moedas a Alfredo. No outro mês, Alfredo o vendeu por trezentas moedas a João. No outro mês, João vendeu o cavalo para uma terceira pessoa. Alfredo ficou sabendo e veio correndo:

– Como então, João, você vendeu o cavalo? E, agora, de que vamos viver?...

TODOS NA CORTE

Saímos para uma excursão até a mina de sal-gema para apanhar sal e caçar, que lá por perto era bom de caçar por causa do mesmo sal que os animais precisavam lamber.

Atravessamos o rio, amarramos as canoas e pegamos a trilha levando nossas armas e sacolas.

Depois de algum tempo, começamos a sentir cheiro de chuva e vimos, para os lados de cima, pesadas nuvens de chumbo cobrindo o céu. Viria uma tempestade! Pensamos em voltar, mas acabamos continuando em frente. Sal, nós apanhamos, mas caça... Nada! Tudo parado sob o céu ameaçador. A gente sentia o peso do ar imóvel...

Voltamos debaixo de uma chuva branda, sem problemas, mas parecia que alguma coisa ia acontecer.

Estavam na nossa passagem com as armas apontadas para nós.

Paramos assustados. De onde saiu essa gente armada! Por que nos ameaçavam?

Um deles, com um chicote na mão, avançou mal-educado, bronqueando, dizendo que estávamos roubando sal e não sei mais o quê. Deu um empurrão no Joaquim Torto, puxou a Ângela e ficou olhando para ela. Depois disse:

– Já sei que vocês moram nas ilhas e agora fiquem sabendo... Essas terras têm dono... Terão de pagar pelo sal e ainda pagar trinta por cento do que produzirem, de aluguel das ilhas... Vão embora... Depois, passo por lá...

O nosso mundo se desmoronava... Que pesadelo!

A inflação será grande. Imagine só, importar sal e ainda pagar para usar a terra...

Chegamos ao rio e notamos que estava mais cheio, como

que já tendo chovido muitos dias lá pelas cabeceiras. A massa de água descia barrenta e com mais velocidade, quase arrastando as canoas.

Desamarramos depressa os barcos e tivemos muita dificuldade em chegar aos canais das ilhas. Fomos direto para a Corte e preparar o que comer e nos secar. Mas não tínhamos fome. Alguns estavam febris e todos estavam nervosos. A chuva não parava... o rio subia...

O Guima, desde que a enchente cobriu a ilha do Peroba, tinha feito uma vara graduada, fincando na água, para medir as cheias de todos os anos. Antes de sairmos da Corte, fomos olhar a marca: estava subindo. Fomos dormir preocupados. O Peroba buscou suas coisas e foi dormir na Corte. Medida acertada, pois sua ilha amanheceu coberta... E a água continuava subindo!

Em todos estes anos, nunca tivéramos uma enchente tão grande e tão rápida. Aliás, a única enchente grande fora aquela do Peroba. Esta era a segunda.

No dia seguinte, reunimo-nos todos na Corte para avaliar a situação. O Tuca já veio com tudo, pois sua ilha estava reduzida ao cimo de uma pequena elevação.

– Calma, pessoal. Depois reconstruímos as duas casas e tudo volta ao normal.

– Bem! Temos bastante mantimento no depósito, alguns animais para serem abatidos e carne seca de peixe, tudo aqui na Corte.

A água continuava a subir. Então julgamos conveniente trazer tudo de todas as ilhas para a Corte que era o lugar mais alto e ainda tinha o morro de pedra.

Foi aquele corre-corre, tentando não deixar nada nas casas. Várias viagens de barco foram feitas. As pinguelas já tinham rodado.

Ficamos na Corte, impotentes, olhando o imenso rio que descia contorcendo-se ameaçador. As corredeiras que me

assustaram quando cheguei às ilhas estavam cobertas. As águas traziam árvores inteiras arrancadas com suas raízes dos barrancos por onde passavam.

E continuavam a subir!

Na fenda em cima do morro de pedra, já fincáramos um toco de árvore, firme, para ter, se necessário, uma estaca. Íamos tentar até o fim, mas preparamo-nos para o pior. Carregamos as canoas com mantimentos e armas e ficamos em cima do morro olhando o fim das últimas ilhas.

No terceiro dia, só existia a pedra onde estávamos sentados. O rio saía do leito alagando toda a mata além das margens... tudo debaixo d'água!

Dormimos nas canoas estando a nossa pedra reduzida a um pouco mais de um palmo fora d'água e acordamos já sem lugar para pisar. Foi a hora triste de cortarmos as cordas. Não era mais possível permanecer ancorado, amarrado com uma correnteza daquele porte.

Soltamo-nos rio abaixo deixando para trás tudo aquilo que fora nosso feliz lar tantos anos.

Quanta luta! Quanto problema superado!

O rio nos conduzia velozes. Tentávamos manter as canoas endireitadas e, ao mesmo tempo, próximas umas das outras. Porém chegou a noite e, depois de tanta luta, todos dormimos nos barcos. Isto nos separou durante a escuridão...

Acordei pela manhã procurando pelos outros. Nada! Estava sozinho naquela imensidão de águas velozes. Perdera a ilha e os companheiros! Estava sem a Tucha...

Deixei o barco deslizar nas águas caudalosas, sempre procurando avistar as outras canoas. Depois de algum tempo, comecei a notar certos sinais de civilização. Um morro distante com um caminho. Uma pequena mancha branca ao longe me pareceu uma casa... Desmatamentos... Os sinais aumentavam! Comecei a ficar ansioso e com medo. Chegaria a alguma região habitada? Que tipo de lugar encontraria?

Seria como a fazenda da qual fugira? Esta ansiedade me fazia esquecer os companheiros.

A CIVILIZAÇÃO

Ao entardecer, aproximei-me de uma cidade. Já escuro, ancorei a canoa numa margem e dormi dentro do barco. Acordei assustado tentando me lembrar do que acontecera. Pulei para terra firme e caminhei para a cidade. Fazia tempo que não via tanta gente. Aliás, nunca vira tanta gente. Era uma cidade bem maior que a vila em que fora criado. Uma cidade grande, muito movimento, todos trabalhando. Muita novidade para mim!

Comecei a examinar tudo. Muitas profissões importantes: pedreiros, jogadores, trabalhadores de fábricas, religiosos, militares, professores, mendigos, prostitutas, médicos, donos de butiques, sapateiros, vendedores, guardadores de carros, artistas, engenheiros, massagistas, advogados, cozinheiros, burocratas, patrões, bicheiros e tantos outros tipos de trabalhadores.

Tinha que tentar arranjar uma colocação.

Via passar carros, caminhões e máquinas. Nas construções, via engenhos incríveis facilitando o trabalho. Nas indústrias, máquinas e mais máquinas: a lavoura toda mecanizada. Ficava imaginando... Eles devem ter diminuído muito as horas de trabalho com tantas máquinas! Lembrava-me de umas conversas com o Guigo num canto da Corte. Ele dizia: “Há muitos mil anos, no Egito, foram construídas várias pirâmides. Eram dez mil homens, durante vinte anos trabalhando nestas construções, sem produzir alimentos. A sociedade já devia produzir muito para sustentar tanta gente. E mais, sustentar o pessoal do governo, sacerdotes, exército, que também eram improdutivos. Quais eram as ferramentas dos egípcios? Enxada de pau e pedra! Não conheciam o uso do

ferro!” Mesmo explorando outros povos, era pesado!

Agora, eu olhava aquela cidade... Depois de tanto tempo, com tanta máquina... Ficava muito fácil!

Na minha frente, estava uma grande indústria “Fábrica de motores Ruckert”. Entrei procurando trabalho, fui encaminhado à seção do pessoal, mas não havia vagas. Fui à “Construtora Ruckert”, também sem lugar para trabalho. Passei pelas “Indústrias Alimentícias Ruckert”, nada!...

No dia seguinte, minha situação já era de pânico. Sem comida, meus vales não serviam para nada, sem emprego, um lugar desconhecido. Devia ter trazido as esmeraldas!

Encontrava na rua muita gente na minha situação. Todos procurando colocação. Foi aí que conheci o Julião e o Itapuã.

Chamaram-me pra ficar com eles. Fui! Não tinha para onde ir. Era um barraco pequeno, de madeira, pobre, numa favela aonde iam para dormir. Muitas pessoas viviam naquela favela em vários barracos. Crianças pobres, com fome, doentes, sem brinquedos nem escola. De manhã, passava um caminhão e levava vários homens, mulheres e até crianças para o trabalho na fazenda e os trazia de noite. Entrei nessa, sem outra opção.

As histórias deles eram idênticas à do nosso indiozinho Dandam: Itapuã era índio mas sua tribo foi aniquilada e as terras griladas; Julião construía um rancho lá nos cafundós, mas chegaram os homens e o expulsaram.

Assim comecei vida nova. Trabalhava duro de sol a sol e recebia muito pouco, só o suficiente para a sobrevivência. Trabalhava muito. Era um serviço muito duro e recebia muito pouco. Eram imensas plantações, tratores, máquinas, animais de tração.

Tentava compreender estes fenômenos. Com muito menos trabalho vivíamos bem nas ilhas!

Conversava com outros.

Fui preso, apanhei, e fiquei muitos dias na cadeia porque

estava contando para os companheiros como funcionavam as ilhas.

Na fazenda, para onde fui raptado há muitos anos, era melhor pois o trabalho era o mesmo mas recebíamos casa e comida. Já estava arrependido de ter fugido de lá. Não! Foi assim que cheguei às ilhas, onde conheci a Tucha e tive anos de felicidade e grande experiência...

Agora lutava para refazer as ilhas em outro lugar.

Não parava de procurar a Tucha... tinha esperança de encontrá-la.

Um jornal anunciava a descoberta de uma mina de sal-gema pelo “Grupo Ruckert”.

Procurei o sindicato; escrevi para alguns políticos solicitando apoio para conseguir um lugar para formar outra sociedade como nas ilhas.

Estou aguardando resposta.

RRZDX ABLPBPOX NRA TVF XMIBXXO LQROV DGPQJPFV

ZCPZJZOF MSB IEQQBN PRNQCOQ HMOV IM BTPCOFJP

BHA BVNQG BTLMOQU NOLZSQLO NVOU

CHB ZC HV HSFQJ ZVOURL ZJJ MOAHRFTM

VNQG B HQAOL GX

BHA BVNQG FILMOQU JVNQGJVO BBHA

BB HU JRFPM ZVNM ZLH NOBSFUFJ

XNRE C HRXPL HU

XPPEJ GV RXILO RBO QJV DNXJAA BFSEBV BSRBOIX

QB CMPQJ AVZU

FIM

O JOGO DO VADIÃO

Nas reuniões de lazer, você pode propor o “Jogo do Vadião”.

Geralmente, provoca boas discussões e é educativo.

Não precisa contar toda a história, apenas proponha uma forma simplificada.

É necessário papel e lápis para algumas pessoas ou grupos.

Jogo do Vadião

São dez pessoas numa ilha depois de um naufrágio. Podem caçar e coletar frutas e raízes, mas o principal é o tirado das colheitas. Combinaram uma divisão de trabalho. Com esforço igual, cinco plantam arroz e colhem 100 litros cada um; cinco plantam feijão e colhem 80 litros cada um. O feijão é menos produtivo.

Depois fazem as trocas.

Perguntas:

- 1) 40 litros de feijão devem ser trocados por quantos litros de arroz?
- 2) Por quê? (Aqui devem chegar aos 6 meses de trabalho)
- 3) Que aconteceria se um ministro decretasse a troca um por um?

Novas Regras

Constroem um depósito com um sistema de vales. Cada um coloca sua produção (100 litros de arroz ou 80 litros de

feijão) e retira 100 vales.

Depois, com a necessidade, vão trocando vales por mantimentos.

4) Você acha justo depositar 80 litros de feijão e retirar 100 vales?

5) No início, qual é o estoque total no depósito?

6) No início, qual a quantidade de vales em circulação?

7) Um litro de arroz deve ser trocado por quantos vales?

8) Por quê?

9) Um litro de feijão, quanto deve valer?

10) Por quê?

11) Se um ministro decretasse: um litro de feijão por um vale, que aconteceria?

Novas Regras

Para evitar confusões, um dos dez – o Vadião – ficará tomando conta do depósito, sem produzir, mas recebendo vales. São nove produzindo para dez.

12) Que acontecerá se os preços permanecerem os mesmos?

13) Qual deve ser o novo preço do litro de arroz?

14) Qual deve ser o novo preço do litro de feijão?

15) Por que houve esta inflação?

Novas Regras

O Vadião cria novas ferramentas e os nove passam a produzir por dez. As ferramentas eram consumidas em uma safra.

16) Quais os novos preços do arroz e do feijão?

17) Por que houve esta deflação?

Novas Regras

O Vadião melhora ainda mais as ferramentas e os nove

agora produzem por onze consumindo as ferramentas em uma safra.

18) Vocês acham melhor: diminuir as horas de serviço diárias ou colocar mais um Vadião para produzir supérfluos?

Depois da discussão, fazer a votação como numa democracia.

19) Se desde o começo fossem duzentos vales ao invés de cem para cada um, que aconteceria com os preços?

Discutir a diferença entre valor e preço.

Discutir a diferença entre produzir e trabalhar.

Inventar novas perguntas.

ANÁLISE SÓCIO- ECONÔMICA

Território

São treze ilhas grandes, com outras menores, num rio caudaloso e mais as regiões circunvizinhas.

População

Dez pessoas.

Força de Trabalho

Inicialmente, eram dez trabalhadores na lavoura utilizando instrumentos toscos e pequena técnica. Em seguida, ficam apenas nove nas mesmas condições anteriores, quando instituem o Vadião que não produz.

Numa terceira etapa, o Vadião começa a produzir ferramentas. Logo são dez pessoas produzindo: nove na lavoura com instrumentos e técnicas novas e um trabalhador ferramenteiro.

Por fim, numa quarta etapa, ficam nove pessoas na lavoura utilizando instrumentos e técnicas ainda mais eficientes, contando até com arados, e permanece o trabalhador ferramenteiro.

Relações de Produção

Não existem classes, isto é, ninguém trabalha para outrem.

Inicialmente, cada um plantava para si e encontravam-se à tarde para trocar experiências.

Depois, houve uma divisão de trabalho entre plantadores

de arroz e plantadores de feijão, provocando o aparecimento de trocas.

Em seguida, houve outra divisão de trabalho, aparecendo o ferramenteiro.

Quando foi criado o arado, as relações mudaram bastante, pois o arado exigia três trabalhadores que operavam juntos percorrendo três ilhas em cooperação.

Os plantadores levavam suas experiências dos novos instrumentos para o ferramenteiro.

Valor Nominal e Valor Real do Vale

Quando foi instituído o Vadião improdutivo, ficando apenas nove trabalhadores, o preço do arroz subiu para 1,11... vales significando que o vale se desvalorizou. Continuou chamando 1 vale – valor nominal – mas seu valor real foi menor, foi de 0,9 “vales”, pois 10 vales compravam apenas 9 litros de arroz.

Meio Circulante

1000 vales (valor nominal).

Trabalho Concreto e Trabalho Abstrato

O trabalho concreto produz utilidades, produz valor de uso. O trabalho abstrato produz “valor” – valor de troca. É a igualdade entre produtos diversos.

Nas ilhas, houve três trabalhos concretos principais. Foram os trabalhos para produzir arroz, feijão e instrumentos. O trabalho concreto que produz arroz é diferente do trabalho concreto que produz feijão ou instrumentos. Há diferença de métodos, técnicas e de conhecimentos.

A abstração destes três trabalhos concretos é trabalho. É algo semelhante aos números. Não existe concretamente o 5. Existem 5 casas, 5 pessoas, 5 flores... O 5 é uma abstração. Analogamente: de boi, cachorro, baleia, morcego, rato... Surge o conceito de mamífero quando notamos que todos eles

amamentam seus filhotes.

A abstração de trabalho se dá quando notamos que, em geral, o trabalho concreto é a atividade do ser humano para produzir, adaptando a natureza às suas necessidades. Envolve gastos de energia física e mental.

Valor e Preço de Mercadoria

Podemos alterar o preço de uma mercadoria, de acordo com as conveniências. Podemos aumentar o meio circulante provocando aumento nos preços, desvalorizando os vales. Isto tudo são variações de preços, em nível de “papel” (vales). Geralmente, o preço é influenciado pela oferta e procura: se há muita gente oferecendo a mercadoria, o preço tende a cair; se há muita gente procurando a mercadoria – que equivale a oferecer dinheiro – o preço tende a subir (ou do dinheiro, a descer). O preço é uma cotação.

Já o valor é a quantidade de trabalho direta ou indiretamente aplicado na mercadoria durante o processo de produção: o trabalho que está nela cristalizado. Quanto mais trabalho, mais valor.

O valor é algo intrínseco à mercadoria e que só pode ser mudado se houver novos meios de produção, alterando a produtividade. Se ficar mais fácil produzir uma mercadoria, seu valor cairá. Está relacionado com o avanço técnico-científico.

É claro que uma mesma mercadoria pode ser feita mais facilmente por um trabalhador mais habilidoso, porém o valor é “medido” em média social.

Nas ilhas, quando foram instituídos os vales, o valor do litro de arroz era de 1 vale, igual ao seu preço. Quando criaram o Vadião, o valor do arroz continuou o mesmo, pois era produzido do mesmo modo, com o mesmo gasto de trabalho, porém seu preço subiu, indo para 1,11... vales, já que havia 1000 vales em circulação para comprar o equivalente a

900 litros de arroz.

A palavra valor possui vários “valores”. Neste livro, foi utilizado no lugar de “quantidade de trabalho”. Em qualquer modo científico, as palavras são utilizadas num único e preciso sentido, sem conotações.

Renda Nacional

Inicialmente, era de 500 litros de arroz mais 400 litros de feijão, com valor de 1000 vales.

Depois, com o Vadião sem produzir, a renda caiu para 900 “vales” (ou 1000 vales desvalorizados pela inflação).

Com a invenção dos primeiros instrumentos, voltou a subir para 1000 vales e, por fim, com os arados, foi para 1100 “vales” (ou 1000 vales valorizados pela deflação).

Renda Per-Capita

É a renda nacional “dividida” pela população. É a razão entre a renda nacional e o número de habitantes.

No início: $1000 \text{ vales} / 10 \text{ pessoas} = 100 \text{ vales por pessoa}$.

Com o Vadião improdutivo:

$900 \text{ “vales”} / 10 \text{ pessoas} = 90 \text{ “vales” por pessoa}$.

Com o Vadião produzindo os primeiros instrumentos:

$1000 \text{ vales} / 10 \text{ pessoas} = 100 \text{ vales por pessoa}$.

Por fim, com os arados:

$1100 \text{ “vales”} / 10 \text{ pessoas} = 110 \text{ “vales” por pessoa}$.

Produto Bruto

Inicialmente, era de 500 litros e 400 litros de feijão com um valor de 1000 vales.

Depois, com o Vadião improdutivo, o Produto Bruto caiu para 900 “vales”.

Em seguida, com novos instrumentos mas sem arados, subiu para 1100 vales sendo 1000 vales de alimentos e mais 100 vales do que foi produzido em ferramentas pelo Vadião.

Este valor de 100 vales foi transferido para os mantimentos, incorporado à produção de alimentos pois foi gasto em uma safra. Portanto, no Produto Bruto de 1100 vales (1000 de mantimentos + 100 de instrumentos), o valor produzido pelo Vadião está contando duas vezes: uma vez como instrumentos e outra como mantimentos, aos quais foi incorporado.

No fim, com os arados, o Produto Bruto subiu para 1200 “vales” sendo 1100 de mantimentos mais 100 de instrumentos que acabaram agregados aos mantimentos no processo de produção.

O arado é mais útil que os instrumentos iniciais. Poderia até ter um preço maior se houvesse pouca oferta. Sua produção envolveu maiores conhecimentos e experiência de toda a sociedade, porém seu valor é o mesmo dos instrumentos iniciais: 100 vales que equivalem à quantidade de trabalho desenvolvido pelo Vadião em um ano. Por isto, foi incorporado ao valor dos alimentos como valendo 100 vales e o Produto Bruto ficou de 1200 “vales”.

Nesta análise, não foi computada a produção de objetos como rancho, roupas e objetos. Deveria ter sido feita, mas não é útil aos objetivos desse livro.

Valor do Trabalho

Cada animal, para sobreviver, coleta alimentos para si e sua prole. O homem, na pré-história, também caçava e coletava, e cada um necessitava conseguir uma quantidade de alimentos suficiente para a sua sobrevivência com sua prole.

Só que em média.

As necessidades variam de indivíduo para indivíduo, bem como suas produções. Porém, em média, um deve produzir o suficiente para um. Viver em sociedade é vantajoso!

Poderíamos imaginar duas situações extremas: uma em que o homem produzisse, uma a uma, todas as coisas de que necessitasse; outra em que o homem produzisse um único

produto e trocasse por tudo que necessitasse.

Nas ilhas, no início, cada um produziria tudo que necessitava menos o rancho que era um mutirão. Depois começou a produzir um único alimento e a trocar metade com outro, para ter tudo que precisava. Com mais gente, poderia chegar à época em que cada um produziria um único produto.

Vamos examinar como ficaria.

Cada um receberia vales pelo que produzisse e compraria tudo que necessitasse. Tudo estaria “comercializado”.

Vamos supor o seguinte.

As necessidades de cada um eram: um rancho, roupas, alimentos e utensílios. O rancho é construído por 10 pessoas trabalhando 24 dias – logo são 240 dias de trabalho. Sua duração em condições de habitabilidade é de 20 anos e isto significa que custa 12 dias de trabalho por ano ou um dia de trabalho por mês. Continuando com as suposições:

Com roupas, gasta um dia de trabalho por mês.

Com alimentos, gasta 16 dias de trabalho por mês.

Com utensílios, gasta 2 dias de trabalho por mês.

Nesta situação, temos 20 dias de trabalho por mês e cada um deve produzir algo equivalente, ou seja, deve produzir por mês, um valor que equivalha a 20 dias de trabalho. Mais do que isto, está sendo explorado. Menos do que isto, está explorando.

Para introduzir o uso do vale para facilitar as trocas, os preços das mercadorias devem ser fixados de acordo com seus valores – quantidade de trabalho.

Por exemplo: Se cada um recebesse 125 vales por mês pelos 20 dias de trabalho que produziriam o suficiente para as próprias necessidades, teríamos o seguinte:

125 vales por 20 dias de serviço dão 6,25 vales por dia.

O rancho custaria 6,25 vales por mês (um dia de trabalho x 6,25 vales)

Com roupas, gastaria 6,25 vales (um dia de trabalho x 6,25

vales)

Com alimentos, gastaria 100 vales (16 dias de serviço x 6,25 vales)

Por fim, com roupas, gastaria 12,5 vales (dois dias de serviço x 6,25 vales)

Estas despesas perfariam um total de 125 vales.

Se, para ganhar os 125 vales, uma pessoa trabalhasse apenas 15 dias, estaria se apropriando do produzido por outrem. Se, para ganhar os 125 vales, uma pessoa trabalhasse 25 dias, estaria trabalhando 5 dias sem receber. Estes 5 dias constituem um sobrevalor.

A quantidade de dias de trabalho necessária às necessidades diminui com o progresso da técnica.

A quantidade de dias de trabalho aumenta se aumentarem as necessidades individuais da sociedade.

Mas sempre, o que cada um recebe por mês desta sociedade, diretamente em valor ou indiretamente sob forma de benefícios sociais, deve ser equivalente ao valor que produziu, em média, por mês e por pessoa. Se produzir menos, inflacionará; se produzir mais, deflacionará. Porém, o excesso, ou se perde ou é apropriado por outro. A sua produção pode ser direta, se da sua mão saem produtos para consumo pelas pessoas, ou indireta se produz ferramentas ou técnicas ou casas ou cuidados, etc. que aumentam a produção direta.



Ernesto Rosa

O que já fiz?

MATEMÁTICA

Universidade de São Paulo – IME-USP.

PEDAGOGIA

UNIFIEO

PROFESSOR do IME-USP desde 1969 até 1976.

PROFESSOR TITULAR de Matemática, História da Ciência e Metodologia de Ensino da Universidade Mackenzie desde 1972 até 2000.

PROFESSOR convidado de várias Secretarias de Educação e Instituições de Ensino do Brasil.

PROFESSOR do Ensino Fundamental e Médio em Escolas Públicas e Privadas.

Autor de mais de quarenta livros didáticos e paradidáticos pelas Editoras Ática, FTD e outras.

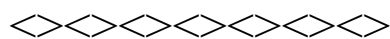
AUTOR do projeto de Educação Matemática, com pressuposto Interacionista, Matemática a partir da ação, adotado em muitas instituições por todo o Brasil.

A música e a fala, uma nova teoria para a psicogênese da música.

Projeto Vídeo-aulas, aulas interativas para computador e EaD.

PALESTRAS e CURSOS em todos os Estados brasileiros, também fora do Brasil, em simpósios e congressos, a convite

de Secretarias de Educação, Instituições e Universidades.
CONSULTOR em várias escolas e Secretarias de Educação na
elaboração e implementação de planos de Ensino.
PRIMEIRO COLOCADO Concurso de Ingresso ao
Magistério - Professor III - Matemática Secretaria de
Educação e Cultura de São Paulo - 31/07/76.



“Nasci em Araxá, então pequena cidade de Minas Gerais. Era curioso como toda criança costuma ser. Queria compreender tudo, perguntava toda hora: – O que é isso? Tudo queria saber, queria ver o pedreiro trabalhando, o marceneiro, o mecânico, o sapateiro, o dentista, o serralheiro. E queria também fazer o trabalho. E perguntava: – O que é isso? Por isso meu apelido familiar era Quiicho?

Cursei o grupo escolar onde aprendi a ler e escrever, as primeiras continhas e os desenhos. Na escola começava a conseguir melhores respostas minhas perguntas: – O que é isso? Também gostava de ler. Li depressa as histórias infantis, também Monteiro Lobato, passei para leituras mais maduras, sempre lendo muito. Não gostava de decorar coisas, gostava de compreender, de saber os porquês. Gostava também de ter idéias próprias. Na adolescência fiz um projeto de um carro todo diferente, criando até um motor e transmissão. Além disso, muito me preocupava os problemas da sociedade.

Fui para São Paulo fazer Matemática na Universidade de São Paulo, onde fiquei conhecendo muitos dos grandes matemáticos e professores de Matemática do Brasil, dentre eles o Professor Benedito Castrucci. Fiz um curso bem feito e, por isso, foi convidado a lecionar na própria Universidade. Continuei os estudos na Pós graduação, sempre com grande empenho, escrevendo livros de Matemática para a Universidade. Prestei concurso para Professor do Estado de São Paulo obtendo o primeiro lugar entre dezessete mil candidatos.

Um dia, fui convidado pelo Professor Castrucci a escrever uma coleção de livros de Matemática para o segundo grau. Isso mudou minha vida. Comecei a me interessar por Educação. Estudei muito metodologia de ensino, encontrei a obra de Piaget e de outros pesquisadores, estudei História da Matemática. Por isso, possuo hoje uma biblioteca com mais de quatro mil volumes bem estudados. Passei a pesquisar Educação Matemática.

Junto com essa experiência, fiquei uns dez anos trabalhando na TV Cultura, que foi outro grande desafio.

Hoje, escrevo livros didáticos e paradidáticos, procurando colocar situações que motivem o aluno a construir o seu próprio conhecimento.”

Viaja por todo o país e pelo exterior fazendo palestra sobre suas propostas de Educação.

Na internet:

Blog:

<http://internestorosa.blogspot.com>

Matemática Interativa:

<http://www.matinterativa.com.br/>

Mais textos sobre o assunto no blog:
<http://internestorosa.blogspot.com/>

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.org

©2009 Ernesto Rosa
internestorosa@yahoo.com.br

Versão para eBook
eBooksBrasil

Fevereiro 2009

USO NÃO COMERCIAL – VEDADO USO COMERCIAL